

## Velhos “cristãos-novos” no sertão paraibano

---

*Os navios chegavam  
pelo porto da Bahia,  
o maior da época,  
e os judeus se dirigiam  
para as “capitanias  
de cima”, sobretudo  
Pernambuco, Paraíba  
e Rio Grande do Norte.  
Eles subiam as costas  
litorâneas em busca  
de terras, sobretudo  
onde predominava  
o cultivo  
da cana-de-açúcar.  
Em 1639,  
dez dos 166 engenhos  
do Brasil pertenciam  
a judeus assumidos,  
e um número ainda maior  
de engenhos pertenciam  
a cristãos-novos  
que mantinham  
o judaísmo em segredo.*

**Neide Miele**

*Docente do Programa  
de Pós-Graduação  
em Ciência das Religiões  
(Universidade Federal  
da Paraíba)*

---

A identidade judaica perdida na historiografia brasileira, sobretudo a nordestina, está sendo agora recuperada. A memória assim valorizada não aceita o desenraizamento das origens e busca uma outra via para os desdobramentos do movimento migratório dos primeiros cristãos-novos chegados ao Brasil desde o século XVI. Todos os sinais indicam que há um despertar em busca de suas raízes judaicas, diz Avi Gross<sup>1</sup>, que esteve recentemente no Brasil visitando comunidades nordestinas. São nestas regiões áridas, bem no interior do continente, que foram identificadas extensas famílias que preservam um estilo judaico de vida.

Atualmente existe uma verdadeira explosão de trabalhos que trazem à luz do dia uma realidade que estava há muito escondida nos subterrâneos da cultura. É cada vez maior a quantidade de brasileiros, sobretudo de nordestinos, que descobre sua origem judaica, incluindo acadêmicos e pesquisadores que se sentem comprometidos com o tema e que estão dispostos a fazer dele seu objeto de estudo. Apesar desta ebulição, Anita Novinsky, especialista mundial em Inquisição, nega a persistência da religião judaica entre os velhos “cristãos-novos”, embora “o Brasil esteja fervendo de judaísmo debaixo da superfície”, diz ela.<sup>2</sup> Suas idéias reforçam a

---

<sup>1</sup> Especialista em Judaísmo Português e Espanhol do Departamento de História Judaica na Universidade Bem Gurion em Beer-Sheva, no Neguev.

<sup>2</sup> Marranos: o difícil caminho para casa. [www.haaretz.com/hasen/spages/556543.html](http://www.haaretz.com/hasen/spages/556543.html) acesso em 05/2006.

tese da persistência de uma religiosidade judaica cristalizada pelos costumes, muitas vezes ignorada pelos próprios praticantes, mas prontamente identificada pelo olhar treinado de um perito, que reconhece nestas tradições os fundamentos da religião judaica.

A preservação de costumes judaicos em comunidades que não professam o Judaísmo traz um excelente material empírico para a discussão teórica sobre o tema religião, em seu contraponto com a religiosidade. [Voltaremos a ele. Antes, porém, faremos um breve levantamento dos trabalhos mais significativos sobre o descobrimento das origens judaicas em território nordestino.

No Rio Grande do Norte, além do aspecto acadêmico, há um reflorescimento de associações e entidades que agregam estes recém descobertos sefarditas. Destacamos os seguintes trabalhos **“Os Judeus Marranos do RGN”** de Nestor Medeiros, **“Os Judeus foram nossos avós”** de Marcos Antonio Filgueira, **“Alguns descendentes de cristãos–novos em Mossoró”** de Olavo de Medeiros Filho, **“Shearching for Brazilian Marranos”** de Jacques Cukierkorn, rabino brasileiro radicado nos Estados Unidos que apresentou sua tese de rabinato fazendo um estudo sobre a cidade de *Venha Ver* no Rio Grande do Norte.<sup>3</sup> Além da produção bibliográfica há no RGN um forte movimento de descoberta e de retomada das origens judaicas através da criação da **ABRADJIN – Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição** – que se propõe a formar um acervo documental e iconográfico que permita a criação de um Museu Histórico Cultural.<sup>4</sup> Na cinematografia podemos destacar **“Estrela Oculta do Sertão”** documentário sobre a vida de comunidades de origem judaica no sertão nordestino, lançado em 2005 por Elaine Eiger e Luize Valente<sup>5</sup>, que dá continuidade a um outro documentário (de 2002) sobre o mesmo tema **“Caminhos da Memória: A trajetória dos judeus em Portugal”**.

Dos escritores clássicos pernambucanos destacamos Gilberto Freyre com **“Casa Grande e Senzala”** e Luis da Câmara Cascudo com **“Mouros, Franceses e Judeus: três presenças no Brasil”**. No Recife contemporâneo se destaca a pesquisadora Tânia Kaufman.<sup>6</sup>

Na Bahia elencamos os seguintes trabalhos de: Esther Regina Largman, **“A Comunidade Judaica da Bahia”**, Jaime Sapolnik, **“Crônicas do Judaísmo Baiano”**, Egon e Frieda Wolff, **“Judeus nos Primórdios do Brasil República”**,

Na Paraíba esta movimentação não é menor. Vários estudos estão sendo feitos nesta mesma linha, com destaque para o recente livro da historiadora Zilma Ferreira Pinto **“A saga dos cristãos-novos na Paraíba”**. É da mesma autora os artigos **“Cristãos-novos na Paraíba : dados genealógicos”** e **“Descendência de Branca Dias”**. Os pesquisadores do grupo **“História da Saúde e da Doença na Paraíba”**, da Universidade

<sup>3</sup> A pequena Venha-Ver, no Rio Grande do Norte, foi fundada em 1811 e, segundo Cukierkon, seu nome se origina da fusão da palavra “vem”, do verbo vir, em português, com a palavra hebraica “chaver” (pronuncia-se ráver) que significa “amigo, companheiro”. Venha-Ver pode significar simplesmente “Vem-Amigo”. Maiores informações no site <http://www.marranosrn.cjb.net/> acesso em 05/2006.

<sup>4</sup> [www.ensinandodesiao.org.br/abradjin/projetos/htm](http://www.ensinandodesiao.org.br/abradjin/projetos/htm) acesso em 05/2006.

<sup>5</sup> com a consultoria dos historiadores da USP, Anita Novinsky e Paulo Valadares, e do antropólogo Nathan Wachtel, do Colège de France.

<sup>6</sup> KAUFMAN, Tânia. *Passos perdidos, História recuperada: a presença judaica em Pernambuco*. Recife: Ed. Bagaço, 2001, 2.<sup>a</sup> edição.

\_\_\_\_\_. *Construção ou Reconstrução de identidades: O marranismo em Pernambuco*. <http://www.arquivujo daicope.org.br/texto2.html> acesso em 05/2006.

Federal da Paraíba, têm produzido trabalhos importantes, sobretudo numa área inédita, a recuperação das “receitas de família” no uso de plantas medicinais, no preparo de remédios caseiros, rezas e rituais de cura. Nesta área se destacam os trabalhos realizados por Lenilde Duarte Sá.<sup>7]</sup>

---

### *Origem das palavras “Marrano” e “Sefardita”*

---

Desde a época em que o rei Nabucodonosor conquistou Israel, os hebreus começaram a imigrar para a Península Ibérica. Mais de 600 anos depois o imperador Tito ordenou a destruição de Jerusalém e determinou a expulsão do povo judeu, cuja derrota final ocorreu com Bar Kochba no ano de 135 da EC, caracterizando-se como a diáspora propriamente dita. Com o crescimento do cristianismo, e junto com ele a idéia de que o povo judeu rejeitou e matou Jesus, começaram as perseguições e a dispersão dos judeus pelo mundo. Os judeus da Península Ibérica tornaram-se os **SEPHARDIM** ou **SEPHARDI**, palavra que se origina do hebraico **SEPHARAD**, que quer dizer “longe”. Desde então o termo **sepharad/sefardita**, passou a denominar os judeus que haviam fugido para a longínqua Península Ibérica. Tudo o que estivesse associado a eles, incluindo nomes, costumes, genealogia e ritos religiosos, veio a ser conhecido como Sefarad.

Uma vez instalados na Península Ibérica, os judeus desfrutaram de liberdade religiosa sob o domínio mouro. Porém, chegou o século XIII e este foi terrível! Ao mesmo tempo em que as grandes catedrais eram erguidas na Europa, e junto com elas as primeiras universidades, também foi instituído em 1236 o Tribunal do Santo Ofício. Criado para combater as heresias, ele se voltou ferozmente contra os judeus. A comunidade judaica instalada na Espanha entre os anos 900 e 1200, prosperou e tornou-se bastante rigorosa na manutenção dos seus usos e costumes, atraindo sobre si a ira dos cristãos. Naquele tempo, ler e escrever eram prerrogativas de poucos, geralmente da nobreza. Entretanto, tais habilidades eram comuns entre os judeus que, eruditos, ocupavam cargos elevados nas funções públicas, no comércio exportador, além de se destacarem nas ciências. Isso aborrecia os cristãos locais, que os acusavam de Deicídio.

Em 1478 a Espanha pede ao Papa a instalação do Tribunal do Santo Ofício e o pedido foi atendido, instalando-se em Sevilha três anos mais tarde e em Barcelona no ano de 1487. O Frei Tomaz de Torquemada era o Inquisidor Geral. Na Espanha, a perseguição aos judeus era antiga, mas se intensificou a partir de um decreto expulsando-os do país, assinado no dia 31.03.1492 pelos reis Fernando e Isabel. Por ironia do destino, este foi o ano do descobrimento da América. Estima-se que 120.000 judeus se refugiaram em Portugal, somando-se a outros milhares que lá viviam. Contudo, não demorou muito para que a situação também se agravasse em Portugal, com o casamento de D. Manoel I e Isabel, filha dos reis católicos de Espanha. Por força desse matrimônio as leis da Espanha se estenderam a Portugal. Diferentemente da Espanha, este país adotou uma outra estratégia, preferindo não expulsar os judeus do seu território, pois eles detinham uma significativa força econômica. Ao invés disso, em 1497 mais de 190.000 judeus que viviam em Portugal foram forçados a se

<sup>7</sup> DUARTE SÁ, Lenilde. “As plantas medicinais e o corpo: o sentido da memória e o significado dos espaços” Relatório de pesquisa, 2002. e “As Plantas Sagradas no Espaço Urbano”. Relatório de pesquisa, 2005.

converterem à fé católica. Após o batismo, tinham que adotar um novo nome e eram considerados “*cristãos-novos*” para que se diferenciassem dos “*cristãos-velhos*”. Essa divisão não serviu para muita coisa pois o convertido continuava judeu para os cristãos-velhos, e traidor para o seu povo. Estes judeus conversos eram pejorativamente denominados de “*marranos*”. Como as “*conversões por decreto real*” só aconteceram em Portugal e Espanha, o termo **marrano** é usado como sinônimo de **sefardita** para designar os judeus procedentes da Península Ibérica.

O termo “*marrano*” possui uma etimologia diversificada. Para Aurélio Buarque de Holanda, é uma designação injuriosa dada outrora igualmente a mouros e judeus. É uma palavra que vem do árabe “*mharran*”, que significa “*proibido*”, mas que tomou a conotação de sujo, imundo, porco. Ser chamado de “*porco*” era duplamente ofensivo para um judeu dado o impedimento bíblico do consumo desse animal e seus derivados. Esta designação ofensiva expressava a profundidade do ódio que o espanhol comum sentia pelos conversos com quem conviviam. Entretanto, há derivações mais remotas e mais aceitáveis que sugerem a origem hebraica ou aramaica do termo. *Mumar* (converso, apóstata) acrescida do sufixo castelhano “*ano*” derivou a forma composta *mumrrano*, abreviado: Marrano. Tratar-se-ia, pois de um vocábulo hebraico acomodado às línguas ibéricas. *Marit-áyin*: aparência, ou seja, cristão apenas na aparência. *Mar-anús*: homem batizado à força. *Mumar-anus*: convertido à força. Contração dos dois termos hebraicos, mediante a eliminação da primeira sílaba”. *Anus*, em hebraico, significa forçado, violentado.<sup>8</sup> Atualmente existe uma corrente de linguistas que interpreta a procedência do termo “*marrano*” como sendo a contração das palavras hebraicas *márr* (amargo) e *anússe* (forçado). Assim, marrano teria o significado de “*aquele forçado à amargura*”.<sup>9</sup> Em 1531, Portugal obteve de Roma a indicação de um inquisidor oficial para o reino e, em 1540 Lisboa promulgou seu primeiro Auto-de-Fé. Desta data em diante o Brasil passou a ser terra de exílio.

Carlo Ginzburg conta que no início da união Ibérica, no ano de 1581, numa recepção a El-Rei D. Felipe, o Brasil foi iconograficamente representado por uma figura feminina tendo à mão uma cana de açúcar com uma inscrição na qual se lia: “*Fui desterro para os culpados*”. Nesta mesma época a Europa, centro da cultura cristã, era representada com vestes de soberana, com coroa e cetro segurando o globo imperial, nítida alegoria de sua superioridade e domínio. O Brasil, no entanto, foi representado por uma mulher que trazia na mão a sua riqueza, uma cana de açúcar, revelação cristalina da intenção colonizadora da Coroa. Junto a este símbolo encontrava-se outra imagem reveladora, que apresentava a Colônia como local de degredo para os condenados do Reino.<sup>10</sup>

---

### *B*rasil: uma nova pátria

---

Tangidos pela Santa Inquisição milhares de judeus vieram para o Brasil. Exilados, cumprindo pena de desterro ou simplesmente fugindo da perseguição aterradora da Santa Inquisição. Entretanto, não foi apenas depois de 1540 que os judeus começaram

<sup>8</sup> Conforme GLASMAN, Jane Bichmacher. <http://www.filologia.org.br/viiifelin/39.htm>

<sup>9</sup> CORDEIRO, Hélio Daniel. <http://www.judaica.com.br>.

<sup>10</sup> Ver Carlo Ginzburg, ‘Sinais: raízes de um paradigma indiciário’. In: “*Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*”. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

a vir para o Brasil. Sua chegada no Novo Mundo se deu desde o ano de 1500, na chamada “viagem de descobrimento” feita por Cabral. O capitão-mor da esquadra de Pedro Álvares Cabral foi o judeu Gaspar Lemos (originariamente Elias Lipner). Outros judeus de destaque foram Fernando de Noronha, primeiro arrendatário de terras e responsável por explorar seiscentas milhas da costa brasileira, João Ramalho, famoso bandeirante que desbravou as terras paulistanas em busca de ouro e pedras preciosas, e tantos outros personagens da História do Brasil colonial.

De simples terra de degredo e exílio o Brasil rapidamente se transformou numa próspera colônia, abastecendo a Europa com os preciosos “grãos de areia”<sup>11</sup> e muita matéria-prima. O primeiro grande proprietário de engenhos de açúcar foi Duarte Coelho Pereira. Os navios chegavam pelo porto da Bahia, o maior da época, e os judeus se dirigiam para as “capitanias de cima”, sobretudo Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Eles subiam as costas litorâneas em busca de terras, sobretudo onde predominava o cultivo da cana de açúcar. Em 1639, dez dos 166 engenhos do Brasil pertenciam a judeus assumidos, e um número ainda maior de engenhos pertenciam a cristãos-novos que mantinham o judaísmo em segredo. Embora também fossem donos de engenho, esta não era a atividade principal dos judeus do Nordeste colonial, eles eram sobretudo agentes financeiros, mercadores e comerciantes exportadores, se constituindo em uma elite mercantil. Nesta linha de raciocínio Gilberto Freyre afirma que “... o problema dos cristãos-novos estarem fazendo monopólio dos ofícios de médico e boticário resulta, ao que parece, do fato deles virem procurando ascender na escala social servindo-se de suas tradições intelectuais sefardínicas e de sua superioridade em traquejo intelectual sobre os rudes filhos da terra. Pode-se atribuir à influência israelita muito do mercantilismo no caráter e nas tendências do português, o anel no dedo do bacharel ou do doutor brasileiro, com rubi ou esmeralda, parecidos reminiscência de sabor israelita. Outra reminiscência sefardínica é o uso do pincinê.”<sup>12</sup>

Anita Novinsky afirma que “ O Brasil foi o país que recebeu o maior número de imigrantes portugueses marranos. No estado em que se encontram as pesquisas e os estudos demográficos realizados sobre vários estados do Brasil, podemos afirmar que aproximadamente 25 a 30% da população branca nacional era constituída de marranos. Essa média se aplica a Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraíba. Sobre Pernambuco, Goiás e São Paulo, os estudos estão em andamento. Mas devemos lembrar que essa porcentagem não inclui os cristãos-novos que lograram diluir-se em meio às elites locais, que fugiram ou se embrenharam pelas selvas brasileiras, mas apenas os que ficaram registrados nos livros inquisitoriais”.<sup>13</sup>

Houve, todavia, um hiato de 30 anos na dominação portuguesa, provocado pela instauração de um governo holandês (1624-54) em Pernambuco. Pelo Tratado de Utrecht em 1579 pessoa alguma seria perseguida por motivo de suas convicções ou práticas religiosas. Por ser uma nação calvinista a Holanda recebia grandes contingentes de judeus perseguidos. Assim, com os flamengos, as costas nordestinas se tornaram uma terra de liberdade para os judeus, sefarditas ou não, que puderam assumir sua condição racial, inclusive para a prática do culto religioso. A primeira sinagoga de

<sup>11</sup> A palavra “açúcar” vem do árabe “*as-sukkar*” e significa “grãos de areia”.

<sup>12</sup> FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. RJ: José Olympio, 1975, p. 228/30.

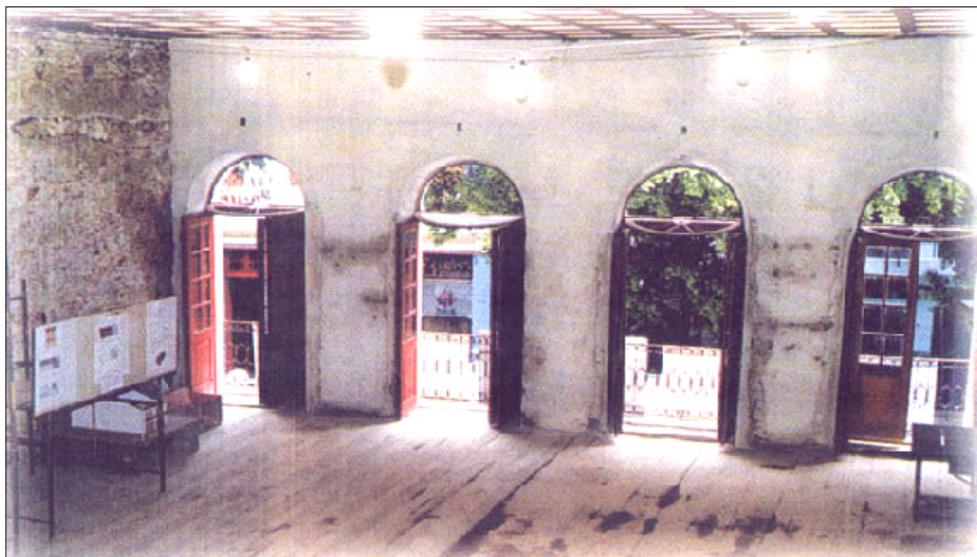
<sup>13</sup> NOVINSKY, Anita. A nova historiografia sobre os judeus no Brasil: perspectivas para o século XXI. <http://www.uaisites.adm.br/iclas/lingua12.htm>



Isaac Aboab da Fonseca

Recife “Kahal Tsur Israel” que significa “Sinagoga Rocha de Israel”, construída especificamente para esta finalidade, foi fundada em 1641, sendo a primeira das Américas. Os rituais eram conduzidos por um rabino de origem sefardita, que havia migrado anteriormente para a Holanda e agora para terras brasileiras, chamado Isaac Aboab da Fonseca, interlocutor de um personagem famoso na história do Brasil, o jesuíta Padre Antonio Vieira.

Segundo Anita Novinsky, uma rica fonte para entender o fenômeno marrano em toda sua complexidade são os escritos do padre Antonio Vieira que, durante toda sua vida lutou pela justiça e liberdade dos judeus. Numa carta endereçada ao Papa Inocêncio XI, Vieira denuncia a hipocrisia e os crimes praticados pela Igreja em Portugal e no Brasil. Como o Padre Antonio Vieira passou grande parte de sua juventude na Bahia, conhecia intimamente os cristãos-novos da colônia. Durante as viagens que fez para Holanda e França, Vieira tornou-se amigo dos judeus portugueses que tinham sido expatriados para Portugal ou que haviam fugido para aqueles países. Em pleno século XVII Antonio Vieira alertava severamente o Papa contra as práticas racistas promovidas pela Igreja.<sup>14</sup>



*Sinagoga Kahal Tsur Israel (Rocha de Israel), em Recife, na antiga Rua dos Judeus. A primeira sinagoga das Américas*

(Fonte: acervo Rachel Stoianoff O. Souza. <http://editoraj.tripod.com.br/jornalhistoriando/id27.html>)

<sup>14</sup> Cf, NOVINSKY, Anita. A nova historiografia sobre os judeus no Brasil: perspectivas para o século XXI. <http://www.uaisites.adm.br/iclas/lingua12.htm>.

Após a derrota holandesa de 1654 houve uma nova diáspora. Muitos fugiram para Minas Gerais, atraídos pelo ciclo do ouro e das pedras preciosas. Outros preferiram enfrentar novamente o oceano Atlântico e reiniciar a vida em um novo país, a América do Norte, fundando lá cidades como Nova-Amsterdã, mais tarde conhecida como Nova-York, que recebeu o rabino Isaac Aboab da Fonseca, que fundou naquela cidade a segunda sinagoga das Américas. Aos judeus sefarditas que não quiseram ou não puderam buscar novas terras além-mar só restou fugir para o interior do continente brasileiro, buscando as terras semi-áridas do sertão como meio de se livrar da Santa Inquisição. Com a nova diáspora expulsando os judeus do litoral nordestino, a agro-indústria açucareira foi seriamente atingida. Todavia, o sertão abria suas portas para recebê-los e dar início a um novo ciclo econômico, o da criação de gado e de caprinos. Assim como seus antepassados haviam um dia saído pelo deserto em busca da “terra prometida”, também eles buscaram o inóspito sertão nordestino, fundando cidades como “Monte Horebe” na Paraíba. Nestas novas paragens se instalaram as tradicionais famílias paraibanas: Albuquerque, Cavalcante, Bezerra, Pereira, Rego, Holanda, entre outras.<sup>15</sup>

A Inquisição continuou a operar no Brasil até o dia 25 de maio de 1772 com um decreto declarando nula a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos. Entretanto, somente em 1822 o Brasil voltou a receber imigrantes judeus e em 1824, em consequência da imigração de judeus marroquinos para o NO, época em que foi criada a primeira sinagoga brasileira contemporânea: a “Porta do Céu”, em Belém do Pará.<sup>16</sup>

---

### *Contribuição sefardita ao biotipo sertanejo*

---

Para alguém que tenha “olho clínico”, a influência judaica-sefardita é inegável. Os traços físicos de parte da população sertaneja, os costumes e algumas tradições são marcas desta herança. Falando um pouco do tipo judeu-sertanejo, temos um indivíduo moreno-claro, cabelos negros, de baixa estatura, testa curta, cara alongada e nariz pontiagudo (diferente do nariz achatado de origem africana), com grande habilidade para o comércio, desconfiado, sorrateiro, trabalhando calado e na sua crença, tendo o apelido de “pão duro”. Estas também são algumas das características do povo hebreu em qualquer parte do mundo.

---

### *Cripto-judaísmo*

---

Este termo tem sido adotado para designar as práticas judaicas realizadas em segredo. Os judeus, que por decreto haviam sido forçados a se converter ao catolicismo, mantiveram costumes judaicos no interior de suas famílias, motivo que os levou a serem ferozmente perseguidos pela Inquisição, que os acusava de serem cristãos-novos na aparência, mas de manterem e propagarem práticas judaizantes às escondidas. Manter segredo sobre tais práticas era a condição necessária para preservar a vida. O segredo evitaria que a família fosse descoberta e levada a julgamento. Todo o cuidado

<sup>15</sup> Cf. Zilma F. Pinto. *A Saga dos Cristãos-novos na Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 2006, p. 256.

<sup>16</sup> Cf. Sônia Bloonfield Ramagem. *A Fenix de Abraão*. Brasília: UnB, 1994, p. 76, op. Cit Zilma F. Pinto.

era pouco, sobretudo com as crianças, potenciais informantes desavisados. Estes segredos eram tão bem guardados que se tornavam verdadeiras “Leis de família”.

---

### *A mulher sefardita e a manutenção dos costumes*

---

A área de influência da mulher sefardita (como de qualquer mulher) era a esfera doméstica. Entretanto, não podemos absolutizar esta característica, pois vários são os exemplos de mulheres judias que se notabilizaram por suas atividades de donas de engenhos ou de comerciantes, participando ativamente na gestão dos negócios da família. No Nordeste o exemplo mais marcante é o de Branca Dias, presa, condenada e deportada para o Brasil por práticas judaizantes, e novamente deportada para Lisboa pela Inquisição pelos mesmos motivos, mesmo depois de morta.

A vida de Branca Dias flutua entre a História e a lenda. Paraíba e Pernambuco reivindicam para si seu domicílio. Entretanto, esta questão permanecerá inconclusa, visto que nos primórdios da colonização estes dois Estados formavam uma só capitania. Denunciada e presa pela Inquisição, ainda em Lisboa, Branca Dias foi desterrada para o Brasil. Aqui ela chegou juntamente com seus sete filhos e veio ao encontro de seu marido, Diogo Dias Fernandes, que já se encontrava em terras nordestinas desterrado também. Como tantos outros judeus que aqui chegaram, eles eram senhores de engenho. Mas, segundo consta, ela e seu marido possuíam uma Torah e faziam “esnoga”, ou seja, culto religioso, no Engenho Camarajibe, de propriedade de Bento Dias Santiago. O sinal de convocação para o culto era dado por uma pessoa que passava pela vila com os pés descalços tendo um lenço vermelho amarrado ao tornozelo. Essa pessoa era chamada de “o campainha”. Muitos “campainhas” foram denunciados à Inquisição na primeira visita do Santo Ofício ao Nordeste, em finais do século XVI. Nessa ocasião os filhos e netos de Branca Dias foram presos e enviados para Lisboa sob a acusação de reconversão ao judaísmo. Branca Dias e seu marido já eram falecidos, mas, diz a lenda que mesmo assim foram processados e que seus ossos foram enviados à Portugal para serem queimados no Rossio. Embora seja a figura feminina mais famosa, Branca Dias é uma entre muitas mulheres que se propuseram a manter suas crenças, aberta ou veladamente. Na sua “pequena” esfera de influência a mulher judia conseguiu criar e sustentar verdadeiras redes de sociabilidade.<sup>17</sup> A esfera doméstica foi determinante para a manutenção da comunidade. Por ela passavam as estratégias matrimoniais, os costumes e a religiosidade através da educação das novas gerações.

---

### *Palavras, nomes e expressões de origem Sefarditas*<sup>18</sup>

---

A vinda dos portugueses para o Brasil trouxe consigo todos os empréstimos culturais e lingüísticos que já haviam sido incorporados ao cotidiano ibérico. Azeite, por exemplo, vem do hebraico “*ha-zait*”, literalmente “a azeitona”, e “*ladino*”, que sig-

<sup>17</sup> Sobre a questão do poder feminino dentro da família, consulte Susana Mateus. “Família e Poder: a importância dos laços de parentesco na construção das redes mercantis sefarditas (séculos XVI e XVII). [www.fl.ul.pt/unidades/sefarditas/textos/textos\\_8.htm](http://www.fl.ul.pt/unidades/sefarditas/textos/textos_8.htm)

<sup>18</sup> Para saber mais, consulte Jane Bichmacher Glasman em <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/39.htm>.

nifica astucioso, designa o dialeto usado pelos judeus que migraram para a Península Ibérica. Porém, a maior parte dos hebraísmos chegou ao português por influência do catolicismo, fazendo escala no grego e no latim eclesiásticos, quase sempre relacionados a conceitos religiosos, tais como: *aleluia, amém, bálsamo, cabala, éden, fariseu, hosana, jubileu, maná, messias, sataná, páscoa, querubim, sábado, serafim* e muitos outros. Sobrenomes muito comuns, tanto no Brasil como em Portugal, podem ser atribuídos a uma origem sefardita. Supõe-se que ABREU seja uma variante de hebreu, BRITO de brit milá que significa “circuncisão”, BARROS vem de Baruch que significa “graça” e “agradecimento” e SANTOS vem de Shem Tov que significa literalmente “bom nome”. Outros exemplos são: Alves, Bacelar, Carvalho, Coelho, Duarte, Fernandes, Gonçalves, Lima, Silva, Silveira, Machado, Paiva, Pina, Miranda, Rocha, Valadares, etc. Porém é importante ressaltar que não se pode afirmar que todo brasileiro que porte estes sobrenomes seja descendente direto de judeus. Para se ter certeza é necessária uma pesquisa profunda da árvore genealógica das famílias.

“*Pensar na morte da Bezerra*”. Esta frase, comumente dita pelos sertanejos de hoje para se referir a alguém que está com ares de preocupação, está registrada nas denúncias e confissões feitas ao Santo Ofício e se referem à Torah. Era feito um jogo entre as palavras Torah e “toura” (feminino do touro), daí “bezerra”.

“*Passar a mão na cabeça*”, com o sentido de perdoar, vem da maneira judaica de abençoar, passando a mão pela cabeça e descendo pela face.

“*Seridó*”, região no Rio Grande do Norte, tem seu nome originário da forma hebraica contraída “*sarid*”, que significa “refúgio de”. Em hebraico, a palavra *Sarid* significa sobrevivente. Acrescentando-se o sufixo *ó*, temos a tradução sobrevivente de. A variação *Serid*, “o que escapou”, pode ser traduzido também por refúgio. Desse modo, a tradução para o nome *seridó* seria refúgio dele ou seus sobreviventes. Uma outra interpretação é dada por Câmara Cascudo, indicando uma origem indígena “*ceri-toh*”.

“*Passar mel na boca*”. Essa expressão é corrente no Nordeste. Na circuncisão o rabino passa mel na boca da criança para evitar o choro. Daí a origem da expressão.

“*Para o santo*”. O hábito sertanejo de derramar uma parte do cálice antes de beber, tem raízes no rito hebraico milenar de reservar, na festa de *Pessach* (Páscoa), um copo de vinho para o profeta Elias, representando o Messias que virá.

“*Que massada!*” Expressão usada para se referir a um contratempo. É uma alusão à fortaleza de *Massada*, na região do Mar Morto, e ao suicídio coletivo de judeus para não se renderem aos romanos, de acordo com relato do historiador Flávio Josefo.

“*Vestir a carapuça*” vem da Idade Média inquisitorial, quando judeus eram obrigados a usar chapéus pontudos para serem identificados.

“*Fazer mesuras*” origina-se na reverência à *Mezuzá*, pergaminho com versículos afixado no batente direito das portas.

“*Deus te crie*” após o espirro de alguém é uma herança judaica da frase *Hayim Tovim*, que pode ser traduzido como, “saúde”, ou “tenha uma boa vida”.

“*Pedir a bênção*” aos pais ao sair e chegar em casa é uma prática judaica que remonta à bênção sacerdotal, onde os pais abençoam os filhos, como no *Shabat* e no Ano Novo.

“*Apontar estrelas faz crescer verrugas nos dedos*”. Como o dia judaico começa na noite do dia anterior, o início de um dia era marcado pelo despontar da primeira estrela no céu. Assim o sábado (dia de celebração nas casas judaicas), começava com o despontar da primeira estrela no céu da sexta-feira. Se uma pessoa demonstrasse

alguma reação publicamente com relação a tal estrela, ela seria alvo de suspeitas. Um adulto consegue conter-se, mas uma criança não. Então se dizia às crianças que apontar estrelas fazia crescer verrugas nos dedos.

---

### *Costumes sefarditas encontrados entre as famílias sertanejas*

---

Muitos costumes judaicos que se perpetuaram na cultura nordestina se referem ao cotidiano das pessoas, aos usos domésticos, permitindo que eles fossem passados de uma geração a outra com tal naturalidade que seus praticantes sequer se davam (ou se dão) conta da origem de sua origem. Estes usos domésticos, por mais simples que fossem, eram os motivos alegados para a delação, justificando o segredo. Por exemplo, substituir a banha de porco pelo azeite no preparo dos alimentos era considerada uma prática judaizante, bem como não consumir crustáceos ou animais de casco fendido. Estes costumes ficaram tão arraigados que o nordestino contemporâneo de descendência sefardita não cria porco, não faz uso de sua carne e derivados e não come qualquer tipo de crustáceo, embora, na maioria dos casos, ele não tenha consciência da origem de tais restrições, nem de inúmeras práticas e ritos que integram o seu cotidiano.

#### **Ritos Natalícios**

Ainda hoje é prática comum entre famílias nordestinas colocar uma cabeça de galo em cima da porta do quarto onde o parto vai acontecer e lançar uma moeda na primeira água de banho do bebê. O nome do bebê só deverá ser pronunciado oito dias após seu nascimento, diante da família reunida e após ter sido rezada uma oração. Durante este período uma vela ou lamparina deverá ficar acesa permanentemente no quardo do bebê, pois ele não poderá “ficar no escuro” durante estes oito dias. A circuncisão ou o batismo do bebê deverá ser realizado no oitavo dia de nascido. Depois do parto, a mãe não deverá descobrir-se ou mudar de roupas durante 40 dias, chamado de “resguardo”. Ela deverá permanecer em repouso em sua cama, afastada do contato com outras pessoas, pois segundo a Lei, a mulher fica impura após o parto, ou mesmo durante o período menstrual, ocasião em que ela também é considerada impura. Durante o resguardo a mulher só deverá comer canja de frango, pela manhã, tarde e noite.

#### **Ritos Alimentares**

A prática de jejuns é estimulada. Um menino deve jejuar durante 24 horas antes de completar sete anos. No dia das núpcias os noivos e padrinhos devem jejuar. Jejuar no terceiro e oitavo dia após a morte de um parente. Jejuar um dia a cada três meses, durante um ano, após a morte de um parente. Jejuar durante a Semana Santa.

Peixes de couro (sem escamas), moluscos e crustáceos são proibidos. É proibido comer carne com sangue. Ovos com mancha de sangue são jogados fora. Não se deve cozinhar carne e leite juntos. A ingestão do leite e da carne deve ter três horas de intervalo. É proibido comer carne de animal de sangue quente que não tiver sido sangrado. O abate do animal deve ser por esvasiamento do sangue. A carne deve ser

lavada até ficar livre de todo o sangue. Come-se apenas comida preparada pela mãe ou pela avó materna.

O pão é especialmente sagrado. Em sinal de respeito, costuma-se beijar qualquer pedaço de pão que tenha caído no chão.

### Ritos de preparação e uso de ervas medicinais

Preparar e ministrar os medicamentos feitos com plantas apenas nas horas “noni”. Dentro da preparação dos remédios caseiros, a base de plantas medicinais, as pessoas mais velhas informam que a quantidade da parte da planta utilizada (folha, semente, etc) não deve ser par. Assim sendo, não se deve usar dois (número par) “brotos de goiabeira” e sim três para se fazer um chá no combate a diarreia. A pesquisadora Lenilde Duarte de Sá<sup>19</sup> observou que em todas as fórmulas de medicamentos caseiros os ingredientes são sempre ímpares: 3, 5, 7, 9... Questionados, os informantes respondem: - Porque tem que ser “noni”!

Este termo vem do latim “nona” (“noni” no plural), uma das horas em que os romanos e judeus dividiam o dia, e correspondia às três horas da tarde. Na concepção judaica o dia era dividido em quatro horas: A *Primeira hora* iniciava com o levantar do sol, a *Terceira hora*, iniciava às 9 horas, a *Sexta hora* iniciava ao meio-dia, e a *Nona hora* iniciava às 15 horas, ou três da tarde. Isto implica que o termo “noni” pode estar relacionado à divisão das horas, entretanto não justifica o uso dos ingredientes para o medicamentos apenas em número ímpar. É um desafio para a pesquisa.

### Ritos Devocionais

Acender duas velas nas sextas-feiras à noite. É proibido fazer qualquer coisa na sexta-feira à noite, até mesmo tomar banho. Ascender velas diante do oratório aos sábados e deixar queimar até o fim do dia. Acender oito velas no dia de Natal.

### Hábitos de Higiene

Limpar a casa nas sextas-feiras, até antes do por do sol, pois com o aparecimento das primeiras estrelas começa o Shabat. O sábado é sagrado e nele se deve usar roupas novas, ou simplesmente limpas. Varrer a casa no sentido da porta da frente para a porta de trás alegando que, se fosse feito o contrário, as visitas não voltariam mais. Na verdade esta prática está ligada ao respeito pela Mezuzah, que era pendurada nos portais de entrada; passar o lixo por ela seria um sacrilégio.

### Ritos Funerários

Constatado o falecimento, todos os espelhos da casa devem ser cobertos. O corpo do defunto deve ser lavado com água trazida da fonte em um recipiente novo, que nunca tenha sido usado. Depois de banhado, o corpo deve ser envolvido em um tecido branco, chamado “mortalha”.<sup>20</sup> Passar uma moeda na boca do defunto, depois dá-la a

<sup>19</sup> Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da UFPB.

<sup>20</sup> Muito antes do uso do caixão, os sepultamentos no Nordeste eram feitos envolvendo o corpo em uma mortalha, imortalizada nos versos de João Cabral de Melo Neto, “Vida e Morte Severina”.

um mendigo. Passar um pedaço de pão nos olhos do defunto e dá-lo a um mendigo. Dar esmolas em toda esquina antes da procissão funerária chegar ao cemitério. Depois do funeral a casa deve ser lavada e toda a água da casa deve ser jogada fora. A casa da família enlutada deve permanecer com portas e janelas fechadas durante uma semana, com incenso queimando pelos cômodos. Durante esta semana o quarto do finado deve permanecer iluminado e as mulheres, parentes próximas, devem cobrir suas cabeças, esconder as faces com uma manta e, ao lado da cama que pertenceu ao defunto, dizer: “Que Deus te dê um boa noite. Um dia você foi como nós, nós seremos como você”. Em sinal de luto, os homens não podem se barbear durante trinta dias. Uma vela ou lamparina deve ser queimada ao lado da cama do falecido durante um ano. Colocar seixos sobre o túmulo sinaliza que o defunto não será esquecido.

Este elenco de costumes, identificados como sefarditas, foi extraído da bibliografia consultada, não sendo nosso propósito discuti-los um a um. Entretanto, vamos analisar apenas um exemplo, pois ele serve para expor nosso ponto de vista teórico sobre a interface entre religião e religiosidade.

Jane B. Glasman, entre outros, identifica o hábito de derramar um pouco da bebida “para o santo”, muito difundido em todo o Brasil e especialmente entre os nordestinos, como sendo um costume que tem suas raízes no milenar rito hebraico do *Pessach* (páscoa judaica); ou seja, o costume de reservar um cálice de vinho para o profeta Elias, que está ali representando o Messias que virá. Entretanto, o conhecedor das tradições afro-brasileiras também identifica o costume de “dar bebida ao santo” como pertencente a esta tradição religiosa. Quem está com a razão? Ambos!

---

### *Religião x Religiosidade: algumas reflexões*

---

O Brasil é um país marcado pelo sincretismo religioso desde o seu “descobrimento”. Para cá vieram europeus e entre eles muitos judeus, que em terras brasileiras se miscigenaram com as nativas tribos indígenas. Um pouco mais tarde vieram os africanos que contribuíram fortemente com a formação do povo brasileiro. E a mistura não parou por aí. Centenas de milhares de migrantes de todas as partes do mundo, do Ocidente e do Oriente, para cá vieram e trouxeram consigo suas crenças, costumes, hábitos e tradições. Todas estas populações estiveram sujeitas a miscigenações contínuas, tiveram que se situar fora do que lhes era considerado familiar, tiveram que criar estratégias de preservação dos antigos modelos para conseguir conviver com novos e desconhecidos espaços geográficos e culturais.

Na formação do Brasil colonial, traços católicos, judaicos, indígenas e africanos misturaram-se tecendo uma religiosidade sincrética. Todavia, não se trata de um vaso quebrado, cuja forma original se desconhece. Embora em migalhas, é possível reconstituir o “vaso quebrado”. Esta é a proposta metodológica do historiador italiano Carlo Ginzburg quando define o *paradigma indicário*. Com grande sensibilidade e perspicácia, Ginzburg enxerga nas sutilezas, nos detalhes, nos fragmentos e nos pequenos indícios os fundamentos das conexões, das explicações, das comprovações.

A historiografia brasileira foi fortemente influenciada pela *École des Annales*, sobretudo pelos autores da terceira geração, cujo emblema era a *História das Mentalidades*. Philippe Ariès, George Duby e Jacques Le Goff enfatizam que a história

das mentalidades ajusta-se à necessidade de explicar o que de mais fundo persiste e dá sentido à vida das sociedades, ou seja, as idéias que os indivíduos formam de si mesmos e de sua existência. Território obscuro e particularmente atraente, a História das mentalidades tem contribuído para alargar o olhar do pesquisador, desfazer equívocos, problematizar novas questões e abrir novos caminhos para o estudo de memórias quase apagadas pelo tempo. Na verdade, é a busca pela resignificação do cotidiano, que escapa aos sujeitos particulares da história.

Foi essa busca que levou a historiadora Laura de Mello e Souza a escrever *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*<sup>21</sup>, onde recupera a história do Brasil colonial especialmente a história dos judeus vindos desde a alvorada do século XVI. Concordamos com Laura de Mello e Souza quando teoriza sobre a existência de uma multiplicidade sincrética, viva, inserida no cotidiano das pessoas, e nem sempre decifrável. Tais práticas são realizadas por força da tradição, da repetição, dos costumes de família, cujas origens são desconhecidas até mesmo dos seus praticantes. Assim, a chave explicativa de Laura M. Souza para entender o sincretismo religioso no Brasil é a “*circularidade cultural*”, proposta por Bakhtin e aceita por Ginzburg.

Não é possível identificar práticas *exclusivamente* cristãs, africanas, indígenas ou judaicas na população brasileira, uma vez que todas as manifestações culturais ou religiosas estranhas ao catolicismo eram proibidas. Todavia, estas religiões conviveram e se contaminaram mutuamente nos três primeiros séculos de ocidentalização do Novo Mundo, cujas práticas se refletem até hoje na religiosidade mestiça brasileira. Com excessão do cristianismo romano, todas as demais religiões foram forçadas às práticas secretas e ao sincretismo como forma de sobrevivência no Novo Mundo. Todavia, esta “contaminação” não se deu em apenas um dos polos da relação, ela “contaminou” igualmente a ambos. Isto explica porquê o católico brasileiro não se sente constrangido em frequentar um terreiro de umbanda ou um centro espírita, com a mesma desenvoltura que frequenta a missa aos domingos. Explica também o reconhecimento de vários costumes, que neste texto foram caracterizados como de origem judaica, por pessoas que seguramente não descendem desta tradição.

Assim, podemos afirmar que existiram (e ainda existem) religiosidades populares sincréticas, mestiças, que produziram e mantêm um conjunto de costumes e práticas religiosas que não permitem distinguir com precisão ou separar com segurança quais os elementos *excluídos* desta ou daquela religião. Isto não invalida a metodologia do *paradigma inidiciário*, ao contrário. Talvez seja ele o instrumento mais apropriado para compreender a permanência de práticas religiosas e hábitos culturais tradicionalmente identificados como pertencentes a uma dada religião, porém não exclusivos dela. No caso dos judeus sefarditas brasileiros, constatamos que a religião se foi, mas a religiosidade permaneceu, mesmo que inconsciente.

---

*Sempre a circularidade:  
a religiosidade em busca da religião*

---

Marcado pela ebulição do fenômeno religioso, o mundo contemporâneo está assistindo ao resgate histórico que vem sendo feito pelos descendentes do povo judeu

<sup>21</sup> MELLO SOUZA, Laura. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. SP: Companhia das Letras, 2000.

espalhados pelo mundo todo. Conscientes agora de sua descendência judaica, eles estão em busca de suas origens e reivindicam o direito de serem reconhecidos como judeus e de professarem a religião judaica sem terem que passar pela “conversão”. “Nós somos judeus e não temos culpa se a história nos fez permanecer escondidos até de nós mesmos”, dizem eles. Todavia este retorno é polêmico e contestado por outros judeus, sobretudo os da elite rabínica. Este processo está ocorrendo com maior ênfase no Brasil, na Espanha e em Portugal, onde foi criada recentemente a Associação Ladina<sup>22</sup> de Cultura Sefardita. Na Espanha, a década de 60 foi decisiva para o desenvolvimento da vida judaica, que passou de um regime de confessionalidade de Estado, exclusivamente católico, a um sistema de maior tolerância com a promulgação da Lei de Liberdade Religiosa de 1967. No ano de 1992 foi lembrada a data dos 500 anos do Decreto de Expulsão dos reis Fernando e Isabel mas, principalmente, foi um marco de revisão histórica, e de *mea culpa* pública do rei Juan Carlos para com o povo judeu.

No Brasil está existindo um forte movimento entre as comunidades de descendentes sefarditas, sobretudo no Nordeste, em busca de reconhecimento de pertencença ao povo judeu e o direito de professar a religião judaica. Israel está extremamente reticente a estas reivindicações. Quanto ao resultado, só o tempo dirá.

---

### *Bibliografia*

---

- CÂMARA CASCUDO, Luis. *Mouros, Franceses e Judeus: três presenças no Brasil*. SP: Global, 2001.
- CORDEIRO, Hélio Daniel. *Os Marranos: anos e diáspora sefardita*.
- CARVALHO, Flávio M. *Raízes judaicas no Brasil*. São Paulo: Arcádia, 1982.
- CORDEIRO, Hélio Daniel. *Os marranos e a diáspora sefardita*. SP: Israel, 1994.
- DINES, Alberto. *Vínculos do fogo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- FALBEL, N. & GUINSBURG, J. (org.) *Os marranos*. São Paulo: CEJ; USP, 1977.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. RJ: José Olympio, 1975.
- MELLO, José A.G. *Gente da Nação* In: *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. 1979.
- HOLANDA, Aurélio B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. RJ: N.Fronteira, 1986.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário da língua portuguesa*. RJ: Objetiva, 2001.
- MAESO, David G. *A respeito da etimologia do vocábulo ‘marrano’*. SP : CEJ, 1977.
- NOVINSKY, Anita. *A inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Cristãos-Novos na Bahia*. SP: Perspectiva/USP, 1972.
- ROTH, Cecil (ed.) *Enciclopédia judaica*. Rio de Janeiro. Tradição, 1967.
- UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. RJ: Zahar, 1992.
- WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil Colonial*. SP: Pioneira, 1966.

---

<sup>22</sup> Não confundir a palavra “ladina” com “latina”. A primeira é designativa do dialeto sefardita usado na Península Ibérica.